



A escolha de um pré-amplificador não é, como nunca foi, tarefa fácil. Para além da natural compatibilidade, em termos eléctricos, que é necessário assegurar, tanto com as fontes de som, a montante do sistema, como e muito especialmente, a jusante com o amplificador, o pré-amplificador deve garantir, ainda, a compatibilidade em termos sónicos, dos sinais que lhe chegam e são posteriormente enviados para as saídas.

A escolha de um pré-amplificador não é, como nunca foi, tarefa fácil. Para além da natural compatibilidade, em termos eléctricos, que é necessário assegurar, tanto com as fontes de som, a montante do sistema, como e muito especialmente, a jusante com o amplificador, o pré-amplificador deve garantir, ainda, a compatibilidade em termos sónicos, dos sinais que lhe chegam e são posteriormente enviados para as saídas.

Incluo-me na lista daqueles (e somos muitos) que defendem que os níveis qualitativos de um qualquer componente de sistema devem ser tanto melhores quanto mais perto da fonte esse componente se situar na cadeia. Parte-se do princípio, naturalmente, de que a fonte deve, ela própria, representar o topo da cadeia, também em termos de qualidade sonora e, portanto, da maior percentagem do investimento total no sistema de som.

O pré-amplificador, no entanto, assume no contexto de qualquer sistema de som um papel e uma importância muito especial,

tendo em conta que se trata de um componente que, sendo o centro de controlo de todo o sistema, os seus circuitos representam «um mal necessário» a acrescentar ao fluxo de sinal entre a fonte e o transdutor final, as colunas. Para além de obedecer aos pressupostos de compatibilidade e qualidade absoluta, o pré-amplificador é, entre todos os componentes, aquele que deve assegurar, também, uma neutralidade maior do que qualquer outro.

São inúmeras as soluções que os construtores têm encontrado para contornar as limitações da inclusão de um circuito cujas principais funções têm a ver com a regulação do volume sonoro e com a selecção da fonte (quando se usa mais do que apenas uma, naturalmente).

Os pré-amplificadores passivos representam a solução mais purista e que introduz um mínimo de alterações no sinal musical, mas esta solução está longe de conhecer um grande número de adeptos. Lembremo-nos que «passivo» significa sem alimentação

capaz de elevar os níveis de sinal. Daí que, para além de se tratar de um circuito que atenua o sinal de entrada, com as notórias consequências em termos de sensação subjectiva de força (ou, melhor, da ausência dela), há questões de adaptação de impedâncias quase insolúveis e que tornam, à partida e na maioria dos casos, um prévio passivo uma solução pouco aconselhada.

Sendo assim, se não podemos vencê-los juntamo-nos a eles, que é como quem diz: lá teremos que aceitar que os pré-amplificadores com alimentação ainda são a solução mais indicada para 99% dos sistemas.

Alguns pré-amplificadores fizeram história e ficaram como marcos do áudio. Muitos deles foram comercializados no mercado português. Estou a lembrar-me do Cat, dos Jeff Rowland Coherence One e Consumate e de alguns Audio Research, como o SP-15, por exemplo. Deixando aqui muitos modelos esquecidos (seria impossível num texto da natureza deste), a lista, porém, não



Mark Levinson No. 326S

ficaria nunca completa sem o Mark Levinson No. 32, que teve uma vida meteórica e se apresentou com uma verdadeira panóplia de tecnologias inovadoras.

Do Mark Levinson No. 32 ao No. 326S

A última palavra tecnológica da Madrigal, que se tornou também na sua última palavra cronológica (lembremo-nos que a Madrigal foi seguidamente adquirida pelo grupo Harman, ao qual pertence nos dias de hoje), assumiu, assim, o papel de verdadeira pedrada no charco pelas soluções nunca até então vistas num pré-amplificador e que passaram a ser utilizadas. Como exemplos disso, a síntese, por regeneração, da sua própria corrente eléctrica a partir da energia recebida do sector e (a mais evidente aos olhos de todos) o uso de duas caixas diferentes em que, ao contrário do que é habitual, uma delas (a caixa «limpa») apenas contém os circuitos de tratamento de sinal e a outra (a caixa «suja») contém a fonte de alimentação e os circuitos de controlo e programação.

Com a evolução das pesquisas, a Madrigal, entretanto já pertencente ao grupo Harman, lançou o modelo ML No. 320 que, com apenas uma caixa, utilizava a mesma filosofia de separação dos circuitos de alimentação e de controlo, por um lado, e dos circuitos de tratamento de sinal, por outro.

A designação ML No. 320 acrescenta, de acordo com o que é hábito pela Madrigal, apenas um dígito – zero – à designação do No. 32, para salientar a sua «linhagem», sabendo-se que o modelo de referência apenas possuía, como sempre, dois dígitos na sua designação.

O No. 320 era constituído interiormente por três secções diferentes, a saber, a secção de alimentação e controlo e as duas secções, uma por canal, para tratamento de sinal. A primeira situava-se junto ao painel frontal, ao longo de toda a sua extensão, e os comandos manuais exteriores actuavam directamente nos circuitos de alimentação e controlo.

Com a caixa destapada ou nas fotos, são visíveis as pistas de ligação da placa de circuito impresso do No. 320, entre a secção de alimentação e controlo (zona «suja») e a secção de processamento de sinal (zona «limpa»). Estas pistas são o único ponto de contacto entre ambas as zonas, o que permite, assim, contornar a questão da limitação imposta pela existência de uma caixa única vs. duas caixas e, portanto, tornar o projecto mais económico à partida.

Porém, a grande decisão, estava para vir: a Madrigal decidiu substituir no No. 320 a placa de circuito impresso por uma placa de

Arlon25, o mesmo material utilizado no prévio de referência No. 32 e que tem perdas dieléctricas muito inferiores às das placas anteriormente usadas. A partir daí, estava criado um novo modelo, em tudo igual ao No. 320 e passou a designar-se por No. 326, complementado pelo o sufixo «S», por ser tradição na casa referir os modelos que utilizam placas de Arlon25 dessa forma.

O novo modelo viu a luz do dia e terá sido, em si mesmo, um tiro no pé, dado pela própria Madrigal, pois a sua qualidade terá, por um preço muito inferior, quase destronado aquela que era considerada a referência na marca, o No. 32. Citando o José Júdice, o 326S faz 95% da maior parte das coisas que o 32 fazia e ainda faz algumas coisas melhor que o No. 32. Por isso, a Madrigal viu-se forçada a retirar do mercado a referência No. 32, já que quase deixou de se vender, face à qualidade e ao preço muito inferior do No. 326S.

Mark Levinson No. 326S

Para além do que referi acima, pode dizer-se que, do ponto de vista de funcionalidade e programação, o No. 326S é uma máquina perfeita. Sobre como soa, já lá vamos.

Esta é uma máquina insuperável no aspecto das funcionalidades e permite dar asas à imaginação de quem quer ter um pré-am-



plificador completamente personalizado, pois as suas inúmeras capacidades de programação permitem um sem-número de possibilidades.

Uma das não menos importantes funcionalidades é o ajuste do ganho do pré-amplificador para valores à escolha: 0, 6, 12 ou 18 dB, sendo mesmo possível ajustar cada uma das entradas com um valor diferente. Deste modo, pode o utilizador ajustar, por exemplo, tal como eu fiz, o ganho da entrada do leitor de CD's para 6 dB e do gira-discos para 12 dB. Isto impede uma grande diferença nos níveis sonoros entre as várias fontes disponíveis, quando os seus níveis de saída são muito diferentes, como acontece normalmente entre um leitor de CD's e um conjunto gira-discos/*andar phono*.

O valor de 0 dB representa um ganho nulo face à entrada e poderia ser uma ótima solução em termos qualitativos, dada a quase ausência de interferência dos circuitos no sinal musical, fazendo com que o pré-amplificador, tal como os prévios passivos, se comporte como um atenuador do sinal. No entanto, por me parecer que falta alguma força anímica ao sinal musical resultante, preferi valores de ganho de 6 e 12 dB, como disse acima. Embora não sendo um prévio passivo, em condições idênticas comporta-se como se o fosse, não obstante as questões de adaptação de impedâncias aqui não se coloquem (o que até beneficia, nesse aspecto, o pré-amplificador ML).

Não posso deixar de referir a maravilha que é programar também os nomes das entradas ao gosto do utilizador, sendo possível

escolher entre uma vasta lista de nomes a atribuir e, caso não exista o nome, criá-lo. É o caso do sinal proveniente de um andar RIAA, para a descodificação do sinal de um gira-discos. No meu caso, utilizei a designação LP, por se assemelhar em número de letras à designação CD que, esta sim, faz parte da lista de escolhas incluídas no *software* do No. 326S.

Sobre as entradas e saídas, o 326S, para além das portas de comunicação com outros modelos da marca (leitores de CD's e amplificadores, por exemplo), dispõe de duas saídas por canal, uma do tipo simples, por ficha RCA, e a outra balanceada, por fichas XLR.

Nas entradas incluem-se três balanceadas, sempre por fichas XLR, e quatro simples, por fichas RCA.

Como é natural, os circuitos do No. 326S são completamente balanceados desde a entrada à saída e – curiosidade – as placas dos canais esquerdo e direito são simétricas, o que significa que as entradas e saídas de ambos os canais são colocadas em espelho relativamente ao centro do painel traseiro do aparelho.

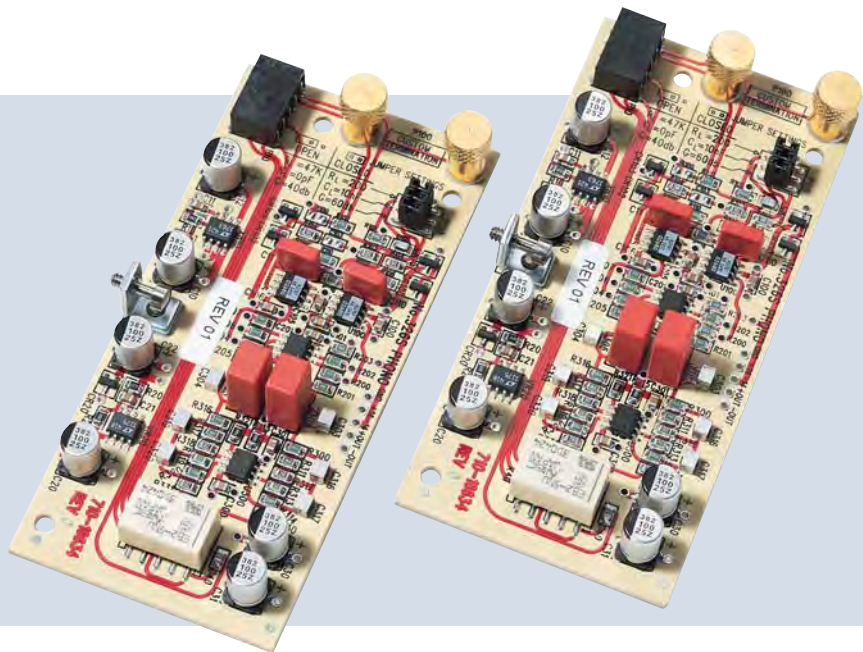
No 326S há que programar cada uma das entradas com o nível de ganho e o nome da fonte que lhe está ligada. A partir daqui, o pré-amplificador assume que só as entradas programadas estão ligadas e passa a funcionar como se só tivesse essas entradas. Explicando melhor, se tiver, apenas, um leitor de CD's ligado à entrada balanceada 1 e um gira-discos/*phono* ligado à entrada simples 4, a comutação entre ambas as entradas é simples: basta girar o selector de entradas com um salto e a comutação faz-se imediatamente de uma fonte para a outra como se apenas existissem essas duas entradas ou como se as mesmas fossem contíguas entre si.

Uma palavra para o comando de volume, graduado em passos de 1 dB até ao nível 23 e de 0,1 dB acima desse valor, até ao 80, valor máximo. A utilização do botão de volume é irrepreensível e a sua função, como várias outras, é repetida no comando à distância.

Para terminar uma descrição desta pequena maravilha tecnológica, não quero deixar de referir o excelente acabamento, digno de um produto de topo de gama e com os pergaminhos de marca a que a casa já nos habituou.

Audições

O 326S foi colocado no meu sistema em substituição do Sonic Frontiers SFL-2. Tive oportunidade de fazer a comparação entre ambos e também com o pré-amplificador XP-10 da Pass, que no momento fazia uma (segunda) visita a minha casa, após ter sido objecto de teste há precisamente dois anos. Antes de me centrar nas impressões de audição do ML No. 326S, quero referir aqui as impressões das comparações com os outros dois prévios. Se bem que as comparações possam ser injustas, não resisti a fazê-las, especialmente porque a ideia que sempre tive, e que continuo a ter do XP-10 é de uma excelente proposta. Com uma transparência soberba, o XP-10 apresenta ainda uma vivacidade pouco comum, mesmo tendo em conta que se



trata de um modelo de preço já elevado. Apresenta como maior limitação aquilo que julgo ser uma questão de filosofia sonora Nelson Pass – alguma retracção da gama média, o que faz com que o seu som não seja considerado romântico. Com um palco iluminado de uma forma quase ostensiva, o XP-10 deve ser combinado com um amplificador doce e romântico, para que a sua combinação resulte bem em termos de resultado musical.

Quando comparamos o Mark Levinson No. 326S com qualquer dos dois «rivais» (se é que podemos considerá-los rivais a partir da diferença de preços), é impressionante a forma como o ML os pulveriza e banaliza. Assunto encerrado, quando o assunto é campeonatos diferentes, nada a fazer.

Falando concretamente do No. 326S, quero dizer-vos desde já que estive em minha casa durante alguns meses e que pude ir verificando que ao longo do tempo o seu comportamento foi sendo diferente. Isto explica-se porque, segundo informação que me deu o José Júdice, este exemplar, apesar de não ser modelo a sair da caixa, esteve algum tempo desligado da corrente eléctrica e houve necessidade de um grande período de estabilização, como se de uma rodagem se tratasse. Isto partindo do princípio de que o período de rodagem estava completamente terminado, o que, muito sinceramente, não me pareceu, apesar de me ter sido dito o contrário, quer pelo José Júdice quer pelo Jorge Gaspar. E

digo que não me pareceu, dado o tempo que verifiquei ser necessário para que o 326S soltasse por completo o seu som.

Explicando tudo em pormenor desde o princípio, a primeira sensação que tive, poucos momentos depois de ter ligado este pré-amplificador, foi que o seu comportamento podia ser comparado ao de um menino do colégio a quem ensinaram todas as regras de etiqueta, todo o comportamento *by the book*, mostrando-se exemplar a fazer o que deve no momento exacto e sem qualquer falha.

Como tudo na vida, o que é perfeito para a razão pode não corresponder àquilo que nos arrebatava o coração, e o menino que faz tudo como deve ser feito mostrou logo, por isso, que lhe faltavam alguns rasgos de espontaneidade que fizessem de si uma criança diferente de todas as outras, que cativasse pela sua própria postura única e autêntica; capaz de, no momento certo, dar uma estalada ao amigo do lado, em resposta traquinas a uma, outra, traquinice do amigo.

Não quero que tirem conclusões precipitadas do que estou a transmitir-vos – estas foram só as primeiras impressões e houve uma grande evolução, durante, repito, os três primeiros meses em que o 326S esteve no meu convívio. Ao fim dos primeiros três dias, porém, voltei a ouvir o meu sistema, incluindo o No. 326S, e a sensação já foi diferente, revelando agora

TESTE Mark Levinson No. 326S



uma classe a todos os títulos notável. E a comparação, naturalmente, surgiu, muito no seguimento da conclusão anterior, mas agora mostrando bem que alguma diferença havia neste som. Comparei-o à postura de uma executiva de topo numa empresa multinacional – a mulher que, bem sucedida na vida, solteira, superelegante e de trato irrepreensível, capaz de arrebatar o coração de qualquer homem, prefere manter-se na sua postura de pessoa implacável no aspecto das exigências profissionais, sem dar a mínima possibilidade a que algum homem da empresa, entretanto com intenções de aventuras escaldantes, consiga almejar alguma réstia de confiança. A sua postura demonstra classe, mas é impávida e pouco receptiva a aproximações menos profissionais.

Por outras palavras e referindo-me ao comportamento sonoro do 326S, nesta altura da sua prestação era um prévio que fazia o seu trabalho com competência e rigor, quer se gostasse ou não. E era certo – eu nunca tinha ouvido, até aí, um equipamento que me desse tanto a sensação de ter um som sofisticado, «trabalhado» para soar sem qualquer ênfase ou retracção em qualquer frequência do espectro. Talvez por isso o Júdice me tenha referido que os Mark Levinson são os equipamentos que melhor medem em laboratório.

Entretanto, passaram-se algumas semanas, esta última comparação continuava a fazer todo o sentido, mas fiquei sempre com a sensação de que, apesar daquela neutralidade, faltava neste som aquele grau último de carácter solto que seria de esperar.

Como sempre, um som transparente e com espaços intersticiais escuros, com os sons dos instrumentos a saírem do negro silêncio, evidenciava que o projecto terá recebido uma atenção especial no que ao ruído «inaudível» dizia respeito.

Apesar de, ao fim de três semanas, achar que o 326S estava no ponto, foi ao fim de cerca de três meses que senti que o seu

som se soltou, perdendo aquele carácter que parecia impedir que se extravasasse em momentos de maior expansividade.

Apenas um pequeno senão acompanhou do princípio ao fim as minhas impressões sobre o (neste momento único) pré-amplificador da marca: algum preenchimento harmónico não completamente conseguido, o que talvez seja o motivo que explica o carácter pouco envolvente da sua prestação (a tal senhora pouco dada a confianças românticas). Creio que este aspecto pode prender-se com a compatibilidade com os meus Krell. O João Zeferino possui um No. 326S ligado a um amplificador da marca e diz maravilhas do conjunto. Eu próprio já tive oportunidade de ouvir o sistema do Zeferino em sua casa e não me pareceu ter alguma falha neste aspecto em particular.

No final, antes de o 326S ter saído de minha casa, pude compará-lo ao Karan Reference MKII e verifiquei que o único ponto em que o No. 326S ficava claramente em dificuldades na comparação era precisamente o aspecto da riqueza harmónica, o que faz com que o Karan pareça mais confortável ao ouvido. Pergunto: questões de compatibilidade, novamente com os Krell?

É, sem dúvida, uma questão que estou interessado em tirar a limpo. Verifiquei posteriormente que o Karan (também) me-

lhorou em muito o seu comportamento quando fiz a troca do (mesmo) cabo de alimentação que tinha anteriormente ligado ao 326S por outro de melhor qualidade. Não vou desistir, por isso, da ideia de ouvir o 326S novamente com um cabo de alimentação que lhe faça justiça e verificar se a verdadeira questão tem a ver com os acessórios ou com os amplificadores que ligarmos ao 326S. Ao criar as condições para que este pré-amplificador tenha uma sonoridade afável, estaremos a juntar o útil ao agradável e seremos levados à conclusão de que tanta qualidade na mesma máquina só pode levar-nos a considerá-la como uma pechincha. Mesmo tendo em conta que não é (nada) barata, pode justificar bem o dinheiro que custa.

Para terminar, não quero deixar de fazer (mais) uma comparação. Tive, no momento próprio, a oportunidade de ouvir o prévio de referência da marca, o Mark Levinson No. 32 e, lembrando-me agora das audições que então fiz, posso dizer com segurança que o No. 326S me impressionou (ainda) muito mais favoravelmente que o No. 32. Julgo que isto diz muito da qualidade absoluta do No. 326S e que não será necessário dizer mais.

Preço: 13000 €

Distribuidor: Audioelite

Telefone: 21 795 15 01

